

## Índice

A ficção televisiva, entre o espelho e a influência .....	1
---	---

### A ficção televisiva, entre o espelho e a influência

Durante as duas últimas décadas, os contos do pequeno ecrã converteram-se numa das mostras estéticas e narrativas mais refinadas e de sucesso da cultura popular contemporânea. Mas as séries são apaixonantes, também, porque são um espelho: permitem-nos tomar o pulso sociopolítico a esta época em que vivemos.

Ver séries já não é *cool*. O interessante é reler romances russos do século XIX, debater o consciente e o inconsciente no cinema de Apichatpong Weerasethakul, escutar um *podcast* de *true crime* e assinar (não necessariamente ler) a “The New Yorker”. No entanto, desde há alguns anos que as séries televisivas têm vindo a alcançar uma audiência global e de milhões. Constituem um dos fenómenos mais vibrantes, comentados e consumidos da cultura popular contemporânea. Daí que, não só nos façam passar estupendos momentos de diversão e intriga, como se ergam enquanto potenciais transmissores de ideias, detetores de tendências sociais e precursores de costumes. Há séries mais militantes e outras mais equilibradas, há obras conscientes da sua posição política e outras onde a força da narração se impõe a qualquer tese. A variedade é enorme: ao fim e ao cabo, estamos há mais de uma década a ver séries muito acima das nossas possibilidades.

### Grande fatura

A hemorragia da Netflix, o posicionamento da Amazon Prime Video, a solidez da HBO, a emergência do [Nordic Noir](#) ou o salto de qualidade das propostas “Made in Spain”, entre dezenas de etiquetas produtivas, fazem com que desde há vários anos seja já impossível gerir uma taxa de televisão. As pessoas veem o que podem, o que lhes recomendam assinantes nos quais confiam, ou o que ditam os seus interesses genéricos, temáticos ou geográficos. Perante as atuais inúmeras possibilidades, no meu livro “Series contra cultura” centro-me unicamente em narrativas que tomam o pulso – umas vezes implícita, outras explicitamente – a facetas culturais, sociais, políticas e ideológicas que se conservam relevantes no mundo de hoje. Assuntos discutidos e discutíveis que têm pairado pelas ficções televisivas: o descrédito do heroísmo clássico, cercado por uma pós-modernidade cínica, a ubiquidade das políticas identitárias numa época de sentimentalismo exacerbado, a validade do amor para toda a vida num tempo de relações líquidas, a esperança de redenção num clima cultural derrotista ou o prestígio do que é maldito, que vai contra as normas estabelecidas, numa juventude desnordeada e autocomplacente.

A maioria das séries nas quais se abordam estes aspetos são ficções que não renunciam ao entretenimento, embora possam oscilar entre o ar caixa de pipoca de “[The Mandalorian](#)” e a introspeção *indie* de “[Rectify](#)”. No muito variado grupo de séries contemporâneas, a heterogeneidade de orçamentos e formatos é a norma: o mesmo se pode analisar nas oito temporadas da global “[A Guerra dos Tronos](#)”, ou numa minissérie festiva e impregnada de simbolismos como “Boneca Russa”. Pode-se refletir sobre o Além a partir do dramatismo metafísico da exigente “The Leftovers”, ou a partir da simpatia para todos os públicos de “Lugar Bom”. Para dissecar as origens do mal é

possível viajar até à máfia italiana (“[Gomorra](#)”) e ao totalitarismo soviético (“[Chernobyl](#)”), passando pelo terrorismo da ETA (“[A Linha Invisível](#)”) ou a psicopatia da mente danificada (“Caçador de Mentas”). Em face do existencialismo e do hedonismo que caracterizam “Girls” ou “Euphoria”, outras séries refletem sobre a redenção e as segundas oportunidades: “[Happy Valley](#)”, “After Life”, “Undone”.

## A questão do homem

É, portanto, possível e lícito adotar uma abordagem antropológica para oferecer “Una guía humanista de la ficción televisiva”, que é como se descreve “Series contra cultura” no subtítulo. É um arranque que partilha o alento que Bento XVI proclamava no *speech* que deu no Encontro Europeu de Professores Universitários, em junho de 2007: “A Europa está a experimentar uma certa instabilidade social e desconfiança perante os valores tradicionais, mas a sua notável história e as suas sólidas instituições académicas podem contribuir em grande parte para forjar um futuro de esperança. A questão do homem (...) é essencial para uma compreensão correta dos processos culturais atuais”.

Não é em vão que o filósofo Julián Marías, um dos defensores do humanismo cristão em Espanha, já fazia soar os alarmes há alguns anos, referindo a desumanização, esse abandono do que Joseph Ratzinger designava “pela questão do homem”: “Sobreveio historicamente uma despersonalização, vinda de fora, por causa de interpretações teóricas que foram fazendo o seu caminho até substituir a evidência imediata da personalidade... Desde o século XVIII, que se tem vindo a deslizar uma interpretação não pessoal do homem”.

Em face do processo de “despersonalização” sobre o qual alertava Marías, em face do que o próprio Ratzinger denomina a “crise da modernidade” – e que atualizo como o “assédio da pós-modernidade” –, o humanismo reivindica de modo radical (ou seja, a partir da raiz) a pessoa no seio da comunidade. Uma comunidade gerada por laços naturais (a família), históricos (o povo, a nação) ou transcendentais (as Igrejas), um grupo aberto onde cada pessoa vale por si mesma, com a sua dignidade intrínseca, e capaz de exercer a sua liberdade para crescer e progredir.

## A família

De todas essas raízes, a família afigura-se a mais profunda e essencial. Por isso, não por acaso começo o livro com um capítulo dedicado à análise do casamento e da família em narrativas populares como “Catastrophe”, “[This Is Us](#)”, “Friday

Night Lights” ou “[The Americans](#)”. E faço-o com uma convicção na linha de G. K. Chesterton: “A família é a pedra de toque da liberdade, porque a família é a única coisa que o homem constrói por si mesmo e para si mesmo. Outras instituições, tanto despóticas como democráticas, são feitas em grande parte por estranhos”.

Perante esta visão antropológica do “radical”, aquilo que hoje pesa mais no discurso público do Ocidente – isto é, nos meios de comunicação e nas suas universidades – é um olhar muito mais despersonalizado, onde o indivíduo ficou englobado nas políticas identitárias. Assim, a pessoa está a deixar de se medir pelas suas próprias realizações e circunstâncias, e está a passar a ser julgada por traços que nem sequer escolheu: a cor da pele, os seus órgãos genitais, a sua orientação sexual, a sua classe social... Este pós-modernismo, que atualiza o esquema marxista de perene luta entre opressores e oprimidos, fixa-se numa antropologia de vitimização, relativista, não solidária, inclusivamente. Na qual, conseqüentemente, a responsabilidade individual sofreu mutação, como bem explica Thomas Sowell, um dos intelectuais afro-americanos mais influentes dos últimos quarenta anos: “Parece que nos estamos a aproximar cada vez mais de uma situação em que ninguém é responsável pelo que fez, mas todos somos responsáveis pelo que outros fizeram”.

## Diálogo e contracultura

Todas estas querelas identitárias que se ligam à questão antropológica por excelência – “O que é o homem?” – pulsam nas páginas de “Series contra cultura”. Por isso, já desde o título aponto para um âmbito de resistência intelectual em face da cultura dominante. Há décadas que nas universidades reinam os denominados “Estudos Culturais”, sobrinhos da “Critical Theory”. Esta disciplina académica, que tem dominado as faculdades de ciências humanas e de comunicação anglo-saxónicas desde os anos 60 do século passado até hoje, parte da premissa de que qualquer manifestação cultural expressa uma cadeia de relações de poder que o crítico – estudioso, académico –, por uma espécie de imperativo moral, tem obrigação de desvendar e questionar. Este preconceito intelectual tem sido aplicado ao âmbito audiovisual. Conseqüentemente, as análises de obras da cultura popular como os filmes ou séries de televisão, têm como missão revelar essas porosas manipulações subterrâneas, essa perpetuação de supostas opressões invisíveis e estereótipos politicamente inaceitáveis.

Pela minha parte, proponho o caminho inverso: recuperar, em primeiro lugar, a fertilidade da análise estética para iluminar a beleza, grandeza e complexidade de uma série, de modo a, em seguida, examinar os litígios de fundo. Com a particularidade de que, ao analisar as séries desta forma, pretendo igualmente resgatar valores antropológicos e humanistas que são desconsiderados ou considerados em desuso, reivindicar o valioso ou

inevitável da ortodoxia, e combater leituras que violam os matizes e profundidade de uma obra, ao avaliá-la com posições apriorísticas ou estreiteza de olhares.

Os textos reunidos em “Series contra cultura” – repensados, reescritos e agrupados tematicamente – aspiram a encetar um diálogo intelectual, evitando o dogmatismo. Um colóquio com e contra as ideias dominantes, num momento em que o espectro de conversas aceitáveis – a janela de Overton – (conceito referido pelo analista político norte-americano Joseph Overton) vai-se encolhendo, especialmente em universidades e meios de comunicação. Num meio onde predominam as leituras chamadas progressistas ou, em termos norte-americanos, “liberais” – aquilo que, por exemplo, em países europeus se resume, sem matizes, como de esquerda, oscilando desde o marxismo cultural pós-moderno, até à social-democracia identitária –, as análises partem de um olhar que bebe, sobretudo, dos princípios do humanismo e do liberalismo clássicos, normalmente designados – também sem matizes – por conservadores. E talvez o sejam, no sentido e na linha de Roger Scruton do termo, como aspiração a preservar tudo o que é bom e belo da tradição cultural.

Daí que, proponha uma visão do homem que reivindica o heroísmo clássico de séries como “[Fargo](#)” ou “The Mandalorian” contra a vitimização imperante; que critica o grilhão que as *identity politics* anseiam impor sobre a liberdade individual, partindo de assuntos como a raça em “[American Crime Story](#)”, o feminismo em “Mrs. America” ou a transexualidade em “Transparent”; ou que desmascaram essas séries que olham por cima do ombro quem, simplesmente, pensa diferente, como fazem com o seu discurso misantropo “[A História de uma Serva](#)” ou Aaron Sorkin com “[The Newsroom](#)”. Contra essas séries-comício que, parafraseando Pascal Bruckner, praticam a [tirania da penitência](#) e não cessam de entoar o *mea culpa* pelos erros da sociedade passada, as análises de “Series contra cultura” propõem o otimismo não só como uma evidência racional (acompanhando Matt Ridley ou Steven Pinker), mas como uma abordagem antropológica de cariz eminentemente humanista e, passe a redundância, cristão.

## Divulgação e síntese de saberes

Em “Series contra cultura” procuro – numa perspetiva de divulgação e que busca afastar-se de academismos – refletir sobre os parâmetros culturais que projetam as séries da última década longa. E faço-o com uma decidida vocação de diálogo. Gostaria de estabelecer um colóquio fértil com quem pensa diferente: um intercâmbio de razões e contrarrazões, argumentos e contra-argumentos, entre dois participantes com o mesmo estatuto na conversa e que permanecem abertos às razões dos outros.

Por isto, a capa do livro exhibe uma mão a mexer no comando de uma televisão. Desse comando emergem, como se fossem

os ramos de uma árvore, um punhado de conceitos de altos voos: política, sociedade, heroísmo, família, maldade, filosofia, transcendência, identidade. São *hot topics* do mundo de hoje que estão presentes nas séries estudadas, onde a interligação entre arte e entretenimento atinge um dos seus picos na atualidade.

O desenho da capa não é caprichoso ou preciosista, encerrando uma tese que percorre todo o livro: as séries podem converter-se numa janela para analisar e compreender algumas tendências sociais, culturais e antropológicas atuais. Uma vez na forma de reflexo de uma época; outras como norma ou discurso sobre ela. Perante isto, aspiro a que “Series contra cultura” se erija numa espécie de manual de instruções, daí os conceitos explicativos que “saem” do comando na capa. Diante do que oferecem os botões – as cadeias mais populares –, este volume procura dialogar com o leitor, fazê-lo pensar sobre as ficções televisivas numa perspetiva humanista. E, como tal, anseia por resumir saberes dispersos, fragmentários, que bebem da filosofia, da antropologia, da sociologia, da história, do jornalismo, da estética ou da teologia.

## Liberdade para escolher

Não obstante, nessa capa o conceito chave é a mão que agarra o comando. É a liberdade para escolher, para mudar, para estabelecer a narrativa própria. Não é apenas, portanto, uma intenção informativa a do livro, sendo igualmente “performativa”. Um diálogo que leve à reflexão e, daí, à ação. Esta ambição decorre em consonância com o que recordava Bento XVI no VI Simpósio de Professores Universitários: “O cristianismo não é só uma mensagem informativa, como também performativa. Isto significa que desde sempre a fé cristã não pode ficar encerrada no mundo abstrato das teorias, mas que deve baixar para uma experiência histórica concreta, que consiga chegar ao homem na verdade mais profunda da sua existência”.

“Series contra cultura” baixa para a experiência concreta das ficções televisivas, tão populares no mundo de hoje. Um meio privilegiado para encetar “o esforço de reconciliar o impulso à especialização, com a necessidade de preservar a unidade do saber”. Um esforço que, além disso, conta com o entretenimento como deliciosa desculpa.

O autor deste artigo, Alberto Nahum García, é professor de Comunicação Audiovisual na Universidade de Navarra e crítico de séries televisivas. Este artigo é uma versão adaptada da introdução do seu livro: “[Series contra cultura](#)”. (EUNSA, 2021).

A. N. G.

Alberto Nahum García  
**SERIES CONTRA CULTURA**

*Una guía humanista de la ficción televisiva*



**EUNSA**  
Escuelas Universitarias de Navarra